

ARTE SURDA: PRODUTO E PRODUTORA DO MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA POLÍTICA DOS SURDOS

Cláudio Henrique Nunes Mourão¹

Juliana de Oliveira Pokorski²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução

Os movimentos sociais possuem um importante papel em conquistas e mudanças em relação aos direitos humanos de modo geral e em relação às chamadas minorias, tais como o movimento feminista, movimento negro, das pessoas com deficiência, etc. Historicamente, também, a comunidade surda tem se organizado em movimentos sociais que resultam em mudanças sobre os modos de vida, bem como influenciam as formas de serem vistos perante a sociedade ouvinte.

No Brasil, é possível dar destaque à oficialização da língua de sinais, a inserção da disciplina de LIBRAS³ nos currículos dos cursos de licenciatura, bem como uma maior inserção dos surdos em espaços de pós-graduação e pesquisas na área da educação, entre outras (THOMA & KLEIN, 2010).

Na atualidade, porém, as mobilizações sociais, e entre elas o movimento surdo, tem se aproveitado de outros espaços para discussão, e a internet, de modo especial, as redes sociais, tem se apresentado como um espaço altamente produtivo (POKORSKI, 2011; PINHEIRO, 2011) devido à possibilidade de tornar mais veloz e acessível o intercâmbio de informações, bem como facilitar as trocas através de vídeos, imagens, textos escritos e sinalizados.

A produção artística surda além de exaltar a cultura, a língua e as experiências de ser surdo, tem assumido um caráter reivindicatório, colocando em circulação modos de ser surdo, bem como modos de pensar e agir a respeito da educação e cultura surdas, tal como ocorria nos “Banquetes de Surdos Mudos”, nos quais se apresentava o lado mais belo da língua de sinais e sua produção poética (MOTTEZ, 1992) de modo a empoderar seus usuários.

Preocupa-nos, portanto, neste estudo, discutir as reivindicações encontradas nas produções culturais surdas vinculadas ao “Movimento Surdo em Favor da Educação e da

1 Doutorando em Educação – Bolsita Capes

2 Mestranda em Educação – Bolsista CNPq

3 LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

Cultura Surda⁴”, divulgadas na internet (blogs e redes sociais), dando ênfase às charges, por terem a característica de passar uma mensagem visual, com vários elementos, além de que este foi um modelo de divulgação que circulou intensamente nas redes sociais no período em que o movimento se organizava, sendo encontradas de modo recorrente em diferentes páginas virtuais.

Interassa-nos, portanto articular esses materiais às políticas atuais de educação de surdos no Brasil, bem como às representações de surdo e cultura surda encontradas nesses artefatos. Acorados aos Estudos Culturais em Educação que posicionam a linguagem como um meio privilegiado onde os significados da cultura são negociados e produzidos, acreditamos que essas produções não somente sejam um reflexo dos sentimentos e opiniões dos surdos, mas também produzam normas, modos autorizados ou não de pensar a respeito de ser surdo, ou seja, instituem verdades, tal como aponta Hall (1997, p.3) ao afirmar que

Em parte, damos significado às coisas através da forma como as representamos _as palavras que usamos, as histórias que contamos acerca destas coisas, as imagens que produzimos, as emoções que associamos às mesmas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, os valores que lhes damos⁵.

Em estudos anteriores (POKORSKI, 2011) já se refletiu a respeito da organização do movimento surdo a partir de vídeos no *Youtube*. Nestes havia uma intencionalidade pedagógica, de instrução de como os participantes do movimento deveriam agir, se portar, desde questões comportamentais aos cuidados com a escrita correta do português. No entanto, os ensinamentos dos artefatos culturais nem sempre são explícitos e dependem das interpretações daquele que com eles entra em contato.

Referências ao passado: o fantasma de Milão

4 Nos dias 19 e 20 maio de 2011, uma grande passeata foi organizada pela comunidade surda, resultante de inúmeras discussões sobre a educação dos surdos, sua inclusão em escolas regulares e o possível fechamento do INES (Instituto Nacional de Educação dos Surdos). [Foram produzidos inúmeros materiais, que circularam prioritariamente na internet, de modo a organizar e divulgar esse movimento intitulado “Movimento Surdo em Favor da Educação e da Cultura Surda”.](#)

5 Tradução de trabalho, no original “In part, we give things meaning by how we represent them _ the words we use about them, the stories we tell about them, the images of them we produce, the emotions we associate with them, the ways we classify and conceptualize them, the values we place on them”.



Figura 1- Ilustrador Fabio Sellani⁶

A história da educação de surdos é marcada por polêmicas sobre qual seria a melhor forma de educá-los. Muito desta discussão centrava-se em questões linguísticas (NASCIMENTO, 2006) acreditava-se que os métodos orais seriam os mais adequados para a inclusão dos surdos na sociedade, até mesmo porque a escrita era acessível apenas a uma pequena parte da população. No entanto, tais métodos muitas vezes produziam falas artificiais, sobre as quais os surdos não tinham completa compreensão.

Ao encontro disso, Berthier (1984, apud NASCIMENTO, 2006, p.258) comenta que John Wallis, primeiro professor inglês a dedicar-se ao ensino de surdos, embora acreditasse no método oral, utilizava também os sinais e chegou a afirmar que “[...] este (treino de articulação) é de fato o menor de dois (embora visto como o mais extraordinário). Mas sem o outro seria de pouco uso. Pois pronunciar palavras simplesmente como um papagaio, sem saber o que elas significam, não nos traria benefício nenhum.”.

Desta forma, a língua de sinais (muitas vezes não vista como tal) foi pouco a pouco sendo reconhecida, e, entre outros, a partir do trabalho do abade de L'Épée, foi elevada a categoria de língua de instrução, possibilitando uma maior inserção dos surdos na sociedade, bem como um maior reconhecimento. No entanto, em 1880, em um congresso em Milão, a língua de sinais foi proibida, dando início a um século em que o método oralista imperou, século este visto por muitos como um período no qual a educação de surdos estagnou, ou até mesmo retrocedeu.

6 Ilustrador Fabio Sellani - disponível em http://fabiosellani.blogspot.com.br/2011_05_16_archive.html acesso 7/03/2013

O método oral se imporá durante um século, depois do Congresso de triste memória que se realizou em Milão em 1880. Quanto mais se instalava a proibição da língua de sinais, a nova norma investia o corpo da criança surda, provocando a prática de novos dispositivos disciplinares. As instituições educativas de surdos se tornam espaços policiais, onde a criança será submetida a múltiplas privações e obrigada a respeitar uma rigorosa organização do espaço e do tempo escolar. (BENVENUTO, 2006, p.240)

Na imagem apresentada no início desta sessão, o cartunista surdo Fabio Sellani compara o Congresso de Milão ao evento que seria o grande estopim para as manifestações do “Movimento Surdo em Favor da Educação e da Cultura surda”: o anúncio do fechamento do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Nesta imagem, um personagem obscurecido de dentro da escola expulsa os professores surdos da escola, ou talvez os esteja expulsando do Congresso, ou talvez, de maneira mais profunda, os estivesse expulsando da sociedade. Todas as personagens usam algemas, representando a proibição da língua de sinais.

A imagem que retrata o congresso de Milão apresenta o pôr do sol, ou seja, o início de uma “uma longa noite, cheia de pesadelos para os surdos”; na parte inferior da charge, os mesmos personagens são representados no lado de fora da escola, não foram expulsos de maneira tão violenta, mas apresentam-se todos com mochilas, com olhares perplexos, como que se sem aviso prévio, ao chegar à escola a descobrissem fechada. As mãos dos personagens estão livres, e todos estão sinalizando, ou seja, a língua de sinais já não pode ser proibida, mas isso não significa que outras medidas tão dolosas quanto não possam ser tomadas.

De fato, o movimento surdo, vem reivindicando um modelo de escola que até então vinha ao encontro das políticas nacionais de educação inclusiva, modelo este tido como segregacionista pelos próprios documentos do MEC:

Estas questões geram polêmica entre muitos estudiosos, profissionais, familiares e entre as próprias pessoas com surdez. Àqueles que defendem a cultura, a identidade e a comunidade surda apoiam-se no discurso das diferenças, alegando que elas precisam ser compreendidas nas suas especificidades, porém, pode-se cair na cilada da diferença, como refere Pierucci (1999), que em nome da diferença, pode-se também segregar. (DAMÁZIO, 2007, p.10)

Segundo as normas para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para a pessoa com surdez, a inclusão do aluno com surdez deve acontecer durante todo o período escolar. No entanto, para grande parte da comunidade surda e para o movimento surdo em específico, as escolas inclusivas não são positivas para o desenvolvimento da identidade

surda, nem para a aquisição da língua de sinais (LOPES; MENEZES, 2010).

O fechamento do INES não somente é o encerramento das atividades no berço da educação de surdos no Brasil, como também representa o fim das escolas de surdos e o fim dos espaços onde a língua de sinais encontra o ambiente mais rico e adequado para a sua aquisição e desenvolvimento, uma vez que grande parte dos surdos possui somente familiares ouvintes e tem o seu primeiro contato com a LIBRAS neste espaço educativo.

A LIBRAS é garantida por lei aos surdos, por ser língua oficial em nosso país desde 2002. No entanto, a crítica é para que esta língua seja reconhecida como tal, utilizada de modo natural, não como um recurso de sala de aula. No documento relativo ao AEE para surdos a LIBRAS é assegurada, sendo trabalhada no turno inverso a sala de aula e também na sala de aula com o intermédio de um intérprete. Contudo, há polêmicas sobre o quão natural uma língua pode se desenvolver sem que haja trocas entre pares, sem que ela seja vista como uma língua de igual potencial ao da língua portuguesa.

A charge representa o temor do surdo em relação à inclusão, o medo do retrocesso em relação a tudo àquilo que se conquistou após os cem anos de “aprisionamento das mãos”, o repúdio ao passado oralista e ao suposto futuro “inclusivo”.

O poder das mãos:

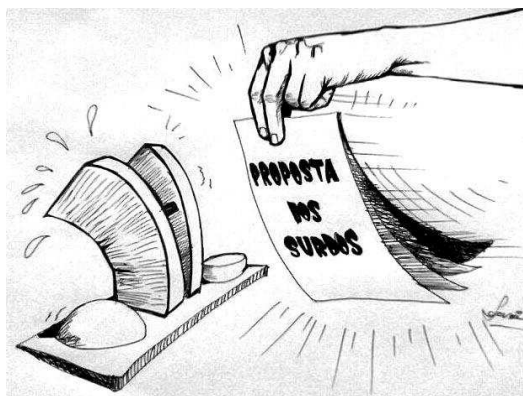


Figura 2-Ilustrador Daniel Dias



Figura 3- Ilustrador Daniel Dias⁷

As imagens acima não fazem distinção entre ouvintes e surdos, existem dois personagens centrais em ambas: Brasília, representando as políticas inclusivas; e as mãos da comunidade surda. São imagens fortes, cheias de intensidade em preto e branco. Em ambas, o Congresso Nacional teme em função da força das mãos que se aproximam com força, poderosas perante a fragilidade e aparente incapacidade de resposta do poder federal. Tal imagem apresenta a luta como já ganha, ou seja, não são os surdos que devem temer as políticas de inclusão, mas são essas políticas que devem temer por sua existência perante o potencial da comunidade surda em lutar e conquistar seus objetivos. Tais imagens impulsionam o povo à luta, empoderam os integrantes da comunidade surda, ao mesmo tempo em que ditam formas de agir perante o movimento surdo.

Na figura 3, por exemplo, é representado no plano inferior da imagem uma multidão, onde é possível ver os braços estendidos, uma multidão sinalizante. Tal imagem reflete a importância de que se participe do movimento, pois é o número que conta, é a comunidade surda unida em luta que fará a diferença. Logo acima deste grupo de pessoas, apresentam-se as mãos, algumas fechadas, como que em briga, e outras em segundo plano como que fantasmagóricas, seja representando algo que se deveria temer, seja representando pessoas que não mais estão, mas cujas sombras permanecem na luta, seja através de seus estudos que dão base teórica para as lutas políticas, seja pelas lutas que travaram em outros tempos da história dos surdos.

Essas imagens impulsionam um espírito de luta, ao mesmo tempo em que apontam que esta é uma “briga” da qual a comunidade surda não pretende sair sem que seja vitoriosa.

Escola bilíngue para surdos:

⁷ Ilustrador Daniel Dias - disponível em http://piraodefeijao.blogspot.com.br/2011_04_01_archive.html acesso em 05/03/2013



Figura 4- Ilustrador Fábio Sellani

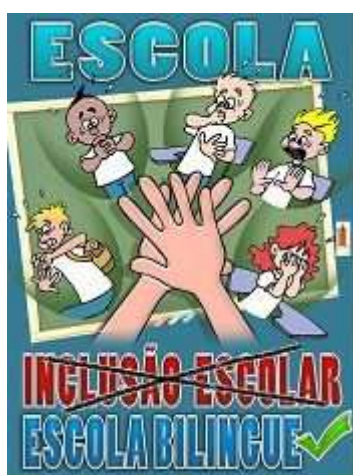


Figura 5 - Ilustrador Sérgio Júnior



Figura 6 - Ilustrador Mauricio Damasceno

Neste último conjunto de imagens, abordaremos uma questão recorrente em diferentes materiais acerca do “Movimento surdo em favor da educação e da cultura surda”, a dicotomia entre a inclusão escolar e a escola bilíngue. Tal diferenciação se apresenta de modo bastante

pontual nas imagens acima referidas.

Na figura 4, o jovem surdo sinaliza que na escola inclusiva, surdos e ouvintes misturados resultam no não aprendizado do surdo; em contraponto a isso, na escola bilíngue, os alunos surdos desenvolvem melhor. Tal imagem não possui legendas para o português, portanto os argumentos apresentados possuem um direcionamento para os usuários da língua de sinais, embora seja fácil perceber através da expressão facial do personagem e da marcação “reprovado”, “aprovado” no canto de cada cena, qual a opinião do ilustrador em relação a cada modelo de escola. As cores utilizadas na imagem também são significativas, seguindo um padrão utilizado pelos sinais de trânsito. O modelo de escola inclusiva é representado dentro de um quadro vermelho, algo que deve ser “parado”, ou como uma escola que impede que o aluno “siga em frente”, enquanto a escola bilíngue encontra-se dentro de um quadro verde, algo que deve “seguir” em funcionamento, que deixa o aluno surdo “livre para seguir o seu caminho”.

Na figura 5, os alunos são surpreendidos pelas mãos que sinalizam “inclusão”, tais mãos ao mesmo tempo em que os aterroriza, os separa, possivelmente em escolas diferentes, desfazendo os laços possíveis de serem feitos na escola bilíngue. Novamente, o vermelho é associado à escola inclusiva e, desta vez, há dois traços riscando esse modelo de escola, marcando firmemente a opinião do ilustrador. E o verde também aparece aprovando a escola bilíngue.

Na figura 6, semelhante ao jogo retratado na imagem 4, as duas escolas são representadas em quadros opostos. Novamente as cores são bastante representativas: preto e branco para a escola inclusiva, e o colorido para a escola bilíngue; da mesma forma são marcantes as expressões faciais dos alunos, e seu pensamento apresentado em um balão, no qual o aluno da primeira escola somente tem dúvidas, e o aluno da segunda escola possui um pensamento produtivo no qual a identidade, cultura e consciência surdas se fazem presentes.

A relação entre professora e aluno também é marcante: no primeiro plano ela é barrada por um livro que a professora segura próximo ao rosto, suas mãos (não sinalizantes) estão presas a este objeto também, os olhos de ambos parecem fechados; no segundo plano, professora e aluno se olham, se comunicam e possuem semblantes felizes. As salas de aula também se diferenciam não somente pelas cores já comentadas, mas pela quase total ausência de imagens na primeira, e um grande aparato visual na segunda. Além dessas questões, as imagens são ancoradas por frases que explicam a vivência do aluno em cada espaço.

Nas três imagens, o azul se faz presente, cor escolhida para representar o movimento surdo e que nas imagens é utilizada nas roupas, ao se referir à escola bilíngue e também nas

mãos que sinalizam no pensamento do aluno surdo na imagem 6.

Tais imagens trazem uma separação entre esses dois modelos de escola que não aparecem tão bem esclarecidos no documento a respeito do AEE para surdos, que apresenta a visão do MEC a respeito da educação de surdos. No documento, a educação bilíngue é tida como o modelo ideal de escola, embora sejam apontados alguns entraves para a sua implantação e manutenção:

As experiências escolares, de acordo com essa abordagem, no Brasil, são muito recentes e as propostas pedagógicas nessa linha ainda não estão sistematizadas. Acrescenta-se a essa situação, a existência de trabalhos equivocados, ou seja, baseados em princípios da comunicação total, mas que são divulgados como trabalhos baseados na abordagem por meio do bilinguismo. [...] existem poucas publicações científicas sobre o assunto, há falta de professores bilíngues, quase inexistentes. (DAMÁZIO, 1997, p.20)

De fato, não é somente trocando o nome das escolas de surdos atuais para escolas bilíngues que se atingirá a qualidade necessária na educação. É necessária formação, pesquisa, mudança de práticas e métodos. Todas essas questões são abordadas pelo movimento surdo, que sinaliza a necessidade de escolas de qualidade, que de fato ensinem o português escrito aos alunos, possuam qualidade, com professores surdos com formação e estruturas adequadas. Então, qual seria a diferença entre a escola bilíngue proposta pelo MEC e a escola bilíngue proposta pelo movimento surdo?

O movimento surdo luta pela bandeira de escolas bilíngues para surdos, nas quais a língua primeira seria a língua de sinais, e o português seria a segunda língua, utilizada na modalidade escrita, no entanto, o Decreto 5626/05 prevê:

I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

Tal documento não deixa claro de que modo tais línguas estariam presentes na instrução dos alunos e, desta forma, o documento com normas para o AEE para surdos, embora reconheça a Libras como língua primeira dos surdos, considera o modelo de escola para surdos segregacionista, uma vez que estes seriam “excluídos do convívio natural dos

ouvintes” (p.20). Ainda neste sentido, o texto avalia a posição contrária dos surdos ao modelo proposto pelo MEC, como pautada em modelos “que se dizem ‘inclusivos’ mas, não altera suas práticas pedagógicas no que se refere às condições de acessibilidade, em especial, às relativas às comunicações”.

Concordamos que muitos dos militantes surdos tragam em suas narrativas marcas de processos de exclusão nas escolas ditas inclusivas de sua época, mas entendemos também que os surdos mesmo nos tempos de hoje, não constroem o sentimento de pertencimento à cultura surda se não tiverem contato com a comunidade surda e carregam em si a marca da deficiência e da anormalidade produzida pelas escolas inclusivas.

Possivelmente as imagens produzidas pelos surdos autores das ilustrações 4 e 5 não dialoguem com a visão de escola proposta pelo MEC, mas em contrapartida tal proposta não parece dialogar com a perspectiva cultural do “ser surdo”.

Conclusão:

As produções culturais surdas apresentam-se acessíveis a surdos e ouvintes, com posições bastante fortes a respeito da educação de surdos e dos modos de ser surdo. Possivelmente imagens não representem a opinião de toda comunidade surda, mas são apresentadas como tal e desta forma regulam e organizam as condutas e práticas surdas, estabelecendo como norma aquele que sinaliza e participa das lutas pela educação.

Possivelmente dentro do movimento surdo existam diferentes opiniões, diferentes experiências em relação à educação, pois não existe um único modo de ser surdo, mas o que torna uma comunidade forte, ou um movimento forte é a ideia de que ele é um bloco único e sólido. Dentro de uma comunidade os interesses individuais (sua liberdade de escolha e opinião) muitas vezes se diluem em troca da segurança que ela dá ao sujeito.

As imagens apresentadas trazem consigo a história não somente dos autores de cada imagem, mas a história do povo surdo, e objetivam mudanças também para esse âmbito. Produzem e são produzidas por um espírito de luta e reivindicação de condições de maior qualidade para a educação de surdos.

Cabe ainda ressaltar que, existem múltiplos modos de leitura dessas mesmas imagens e que as interpretações acerca delas é decorrente dos códigos da cultura de cada receptor. Portanto a representação não é uma via única de produção de significados, nas palavras de Hall (1997, p.4) “O significado é um diálogo”, mas com essa análise procuramos mostrar

algumas possibilidades.

Referências:

BENVENUTO, Andrea. O surdo e o inaudito. À escuta de Michel Foucault. In.: KOHAN, Walter Omar; GONDRA, José (orgs.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com surdez**. SEESP/SEED/MEC: Brasília/DF - 2007

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL, Stuart (org.) **Representation: Cultural representations and Signifying Practices**. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

LOPES; Maura Corcini; MENEZES, Eliana da C.P.. Inclusão de alunos surdos na escola regular. In.: **Cadernos de Educação** – Faculdade de Educação – UFPel. Ano 19, n.36 (mai./ago. 2010). Editora UFPel: Pelotas, RS.

MOTTEZ, Bernard. **Los Banquetes de sordomudos y el nacimiento del movimiento sordo**. **Revista do GELES**, Rio de Janeiro, n.6, p.5-19, 1992.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. Educação de Surdos - **Retrocedendo para Milão**. Será?. 4º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 1º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. Canoas/RS: Editora da ULBRA. p.1-12

NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier. **Educação Temática digital**, Campinas, v.7, n.2, p.255-265, jun. 2006.

PINHEIRO, Daiane. Produções surdas no *Youtube*: consumindo a cultura. In.: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M.L.(orgs.) **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. **O movimento surdo na internet**: os discursos circulantes no *youtube* _ Porto Alegre, 2011. 37f. Trabalho de Conclusão de Especialização – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Pós Graduação em Educação – Lato sensu, Porto Alegre, 2011.

THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena. Experiências Educacionais, movimento e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. In.: **Cadernos de Educação** – Faculdade de Educação – UFPel. Ano 19, n.36 (mai./ago. 2010). Editora UFPel: Pelotas, RS.